

COMPREENDENDO E CUIDANDO A FAMÍLIA

2o. ENCONTRO LEIFAMS DA REGIÃO SUL

Leifams: Laboratório de estudos interdisciplinares sobre famílias

PORTO ALEGRE - 29 DE SETEMBRO DE 2000 14,00 HORAS

HOSPITAL DE CLÍNICAS

Mesa Redonda:

DILEMAS NO CUIDADO À FAMÍLIA SOB O OLHAR DA ENFERMAGEM, DA FILOSOFIA, DA BIOÉTICA, DA PSICOLOGIA, DO SERVIÇO SOCIAL

Conferência:

DILEMAS NO CUIDADO À FAMÍLIA SOB O OLHAR DA FILOSOFIA

INTRODUÇÃO: O OLHAR FILOSÓFICO

1. COMPREENDER A FAMÍLIA

2. CUIDAR A FAMÍLIA

CONCLUSÃO: A SENSIBILIDADE PARÂMETRO DE HARMONIA

DILEMAS NO CUIDADO À FAMÍLIA SOB O OLHAR DA FILOSOFIA

INTRODUÇÃO: O OLHAR FILOSÓFICO

Acredito que, entre os cinco olhares propostos, caberia a mim falar do olhar da filosofia. O tema, como foi expresso, deixa muita liberdade, o que é bom; mas torna difícil estabelecer um ponto preciso do qual a filosofia lança seu olhar, especialmente sabendo que não há uma filosofia, mas muitas filosofias, portanto, não há um só olhar.

Na tentativa de delimitar um olhar filosófico, vou iniciar essa minha exposição enfocando três pontos que, no meu entender, estabelecem as condições mínimas para descrever como a filosofia poderia tratar dos dilemas no cuidado à família.

No primeiro ponto pretendo assumir uma atitude própria da área da saúde. Imagino as palavras que formulam o tema como se estivesse diante de um paciente a ser diagnosticado. Preciso interpretar o que dizem as palavras para poder definir o tipo de procedimentos a serem adotados. A dificuldade maior deste meu diagnóstico foi a de compreender corretamente a palavra dilema. Pela forma como está expresso o tema, existiriam concretamente dilemas no cuidado à família. Mas eu não sei exatamente quais são esses dilemas. A filosofia deveria olhar para esses dilemas, que não são seus, mas pertencem a outras áreas. E como falar de dilemas sem conhecê-los? Além disso, qual o significado de dilema? Para não me delongar em torno dos possíveis significados do termo dilema, devo dizer que o tomei no sentido de impasse, dificuldade, embaraço, desafio.

Pelo segundo ponto tive a impressão que, supostamente, a filosofia teria um olhar sobre o cuidado à família, como tem a enfermagem, a assistência social, a psicologia. Assim, minha tarefa não apresentaria dificuldades, consistiria em apresentar esse olhar. Confesso, não encontrei esse olhar no universo de meus conhecimentos filosóficos. Inicialmente, busquei na lembrança nos meus estudos acadêmicos, desde a graduação até hoje, e nada me lembrava que esse tema fosse objeto da filosofia. Procurei, na história da filosofia, algum filósofo que tivesse falado de cuidado. Heidegger fala de **sorge** (que pode ser traduzido como cuidado), mas não tem o significado do cuidado na área da saúde, mas nele pode estar incluído. Para Heidegger, o homem é um ser de preocupação. Idéia que pode ser aplicada à área da saúde.

A respeito de família também não consegui melhor sucesso. É verdade que alguns pensadores pós-modernos, particularmente Maffesoli, falam de uma socialidade doméstica, não precisamente no sentido da família, mas como um novo cimento que une uma comunidade ou grupo tribal, enquanto resistência e alternativa à socialidade das sociedades da era industrial.

Depois de percorrer inutilmente o mundo filosófico, concluí que a própria natureza do pensar filosófico não abre espaço para esse tipo de temas. Aliás, o filósofo, enquanto criador do pensamento racional, preocupou-se em distanciar-se do mundo físico, das coisas particulares e dos indivíduos concretos para refugiar-se nas realidades abstratas, metafísicas e universais. Buscou olhar para além das aparências, das coisas transitórias e sensíveis. Pretendeu ver as essências ocultas, as realidades inteligíveis. Em lugar dos indivíduos humanos, pensou o homem universal. Em lugar das verdades humanas, sonhou com as verdades transcendentais. Portanto, para a filosofia, o homem seria sempre o mesmo, no tempo ou fora do tempo.

O primeiro momento, na história da filosofia ocidental, em que o homem aparece, não mais como pura essência, mas como existência é com o existencialismo. É verdade que Marx (1818-1883), anteriormente, já havia pensado o homem como um ser histórico, mas o que importava era a consciência histórica. Também, na mesma época, Kierkegaard (1813-1855), apontado como o precursor do existencialismo, tratou de temas profundamente existenciais como a angústia, o desespero e o temor, particularmente, em sua obra *O Desespero Humano* (Doença até à morte). Entretanto a filosofia kierkegaardiana é vista como resultante de uma educação rigorosa segundo os princípios da religiosidade do luteranismo.

Por fim o terceiro ponto levou-me a concluir que a única coisa que eu poderia fazer era tentar, a partir da filosofia, descrever uma possível compreensão do que seriam dilemas no cuidado à família. Para desenvolver essa minha reflexão voltei-me para o título geral deste segundo encontro LEIFAMS, **COMPREENDENDO E CUIDANDO A FAMÍLIA**. Primeiro passo, portanto, será compreender a família para depois pensar o cuidado.

1. Compreender a família

A compreensão da família começa por saber a sua constituição. A história nos mostra que a família, no ocidente, não é a mesma. A referência básica é a família cristã tendo como princípio fundamental a indissolubilidade do casamento e tendo como membros um casal e seus filhos. Toda a vida girava em torno da comunidade familiar.

A figura familiar dominante é da domus latina que englobava um conjunto amplo formado pelos membros efetivos da família, pelas habitações, os animais, as propriedades, os trabalhos, os escravos, os servos, em fim tudo o que se relacionava à organização familiar.

A família deve ser tomada como uma instituição num contexto maior formado por outras instituições sociais. Desde a antigüidade greco-romana a família era a base da ordem social. O indivíduo, como referência, de cidadania e socialidade, só acontece na era moderna, especificamente na era industrial com o surgimento das repúblicas e dos governos democráticos.

A família deixa de ser a referência da ordem social para dar lugar ao indivíduo. O indivíduo é a partícula menor da socialidade. A família é a primeira escola de socialização. A sociedade acaba sendo, de alguma maneira, uma geradora de valores e interesses que entram em choque com a ordem familiar. Acontece que na esfera social surge o conflito entre o interesse do indivíduo e o bem comum. Parece que se desenha uma nítida oposição entre a casa & a rua, no dizer de Roberto Da Matta. Tornou-se fundamental garantir a intimidade num reduto circunscrito às paredes da casa, como o lugar protegido contra as invasões da privacidade.

A sociedade da era industrial foi assumindo lentamente a maior parte das atividades da vida familiar. Antes da sociedade moderna, o indivíduo nascia, crescia, educava-se, aprendia tarefas, trabalhava, adoecia, era cuidado e morria nos limites do território doméstico. Em poucas palavras, a vida toda desenvolvia-se como vida doméstica. Os serviços de estranhos eram executados na família. Vou ater-me aos serviços vinculados à saúde ou à doença. A parteira atendia nas casas. O atendimento médico era feito pelo médico de família, Não raro essas pessoas tornavam-se membros adotivos do conjunto familiar. A parteira e o médico eram tratados como familiares, muitas vezes conhecedores de segredos que nem todos os membros da família conheciam.

A sociedade, que passa das características rurais para as urbanas, devido ao processo de industrialização, organiza instituições específicas para liberar as famílias de certos compromissos, já que os membros da família deviam trabalhar fora de Casa, nas empresas industriais ou comerciais, da construção ou da administração pública. Assim criam-se escolas para educar e ensinar as novas gerações, que cada vez mais cedo retiram a criança de casa através das creches, dos jardins e da pré-escola. A vida passa a acontecer fora de casa, desde o nascimento na maternidade, depois da creche à universidade, depois no trabalho em empresas, por fim e não raramente, acaba-se num asilo ou casa de saúde. Isto dito para as pessoas em condições favoráveis. A vida dos habitantes de ruas, dos moradores em favelas, a situação é bem outra.

Voltemos ao tema das mudanças da vida familiar. Chega o momento em que a mãe vai dar à luz no hospital, a instituição criada para tratar os doentes. Assim, a mãe grávida vai para a maternidade e o doente, também, passa a ser internado numa casa de saúde. O trabalho produtivo era, antes quase todo feito no círculo do doméstico, passa a ser feito longe de casa. Neste processo, a vida doméstica ficou limitada entre algumas divisórias sobrepostas num edifício de muitos andares. Mesmo aí viu-se esvaziada pela invasão dos meios de comunicação de massa. Todo dia circulam dezenas, talvez, centenas de pessoas falando constantemente monólogos que nos exigem escuta e atenção. Acabamos de perder a fala e, particularmente, o diálogo com os de casa.

Estariamos diante de uma família, ou de um resíduo de família? Se eu lembrar a família, na qual eu nasci, cresci e tornei-me adulto, não tenho dúvidas em dizer que, estou diante de retalhos da família da minha infância. Seria este modelo residual de família que devo cuidar? Ou deveria pensar em restaurar a vida doméstica, não a do passado, mas aquela que, adaptando-se ao momento histórico, consegue preservar um modelo de família como referência central da vida dos indivíduos?

Falei acima da **domus** latina como um conjunto amplo da ordem familiar. Essa idéia corresponde à **Oikos** grega, inspiradora dos movimentos ecológicos. A ecologia nos mostra que precisamos proteger a natureza, o meio ambiente, tudo aquilo que garante um viver saudável. Destruir o mundo em que vivemos representa um suicídio lento. A família poderá ser uma parte da ecologia humana que assegura uma vida saudável, diria, feliz. Todos os seres vivos podem ser saudáveis, apenas, os seres humanos são felizes. Por isso diria que a felicidade é a marca infalível do viver saudável.

É importante lembrar que todo organismo vivo é um processo de crescimento que implica numa sucessão de desgastes e de restaurações. Assim, a família, devido ao progresso da humanidade, precisa adaptar-se às exigências de cada época, para isso precisa desfazer-se de alguma coisa e restaurar-se. Não se pode esquecer que a vida familiar é regida pelo princípio do amor. A vida social ficou dominada pelas relações funcionais e pelos princípios da racionalidade profissional e do trabalho produtivo.

Fiz essa breve descrição, não para definir uma nova família, mas para dizer que a ordem familiar, ela, em primeiro lugar, necessita de cuidado. O desafio (dilema?) é maior, pois não se trata em retirar o doente do hospital ou a grávida para tratá-la em casa, em família, é preciso refazer a vida e o espaço do doméstico. Como ele será não sei. Sei, com toda certeza, que precisamos inventá-lo. Ele começa pela capacidade de resistir aos invasores da intimidade, e continua pela denúncia à vida cientificizada e tecnologizada. Duas atitudes que poderão começar pela desejo de voltar a comer alimentos e não ingerir números de calorias, vitaminas ou proteínas; ou de acreditar que as medicinas alternativas merecem crédito.

Se o primeiro passo, seguindo o título geral deste encontro, foi compreender a família, o segundo passo, não poderia ser outro, senão o de pensar o cuidado enquanto um retorno ao universo da família.

2. Cuidar a família

A preocupação em cuidar a família não é um ato isolado, faz parte de todo um contexto de revisão do nosso projeto científico e tecnológico responsável pela socialidade moderna. E quando falo em socialidade quero referir-me aos princípios que determinaram o modelo da sociedade da era industrial tendo o indivíduo como referência maior. A idéia geral de modernidade parece estar esgotando sua potencialidade para solucionar os dramas da vida humana, fato que levou muitos intelectuais a buscar novas alternativas, exatamente aquelas que o homem moderno marginalizou.

A redescoberta do social doméstico, como possibilidade de redefinição de uma nova ordem social, abriu caminho para rever o significado da família na vida individual. Esse reencontro com a família, especialmente na área da saúde, trouxe uma série de

exigências que acabou gerando alguns transtornos (dilemas?) mais ou menos profundos.

Seguindo os mesmos procedimentos, traçados desde o início, de descrever o que a filosofia poderia dizer sobre esse reencontro com a família através do cuidado médico ou de enfermagem, vou apontar dois aspectos que, no meu entender, devem estar entre as preocupações para que essa nossa busca de relações sociais mais humanas tenha o sucesso esperado. Não tenho a pretensão de dar lições, apenas quero juntar o esforço de quem julga fundamental essa tentativa de reunir todos os olhares sobre a família, não só para o cuidado, mas como alternativa para um nova mentalidade de ordenação social.

Em primeiro lugar, quero chamar a atenção sobre a diferença fundamental entre os princípios que regem a instituição familiar e a instituição hospitalar. A família e o hospital apresentam múltiplas e profundas diferenças, que começam desde seu ato fundador até as atividades rotineiras do cotidiano. Não vou traçar um paralelo entre família e hospital, pretendo ater-me apenas ao princípio básico que as funda e sustenta.

A ordem familiar nasce de um gesto de amor nascido da sensibilidade afetiva. Sobre a dinâmica do amor ela continua crescendo e se fortalecendo. Quando essa aura amorosa desaparece a família interiormente morre, poderá sobreviver como conveniência e formalmente, mas não mais como vida. A família, gerida pela dinâmica do amor, encontra um poderoso aliado com a gestação de novos membros, os filhos, que podem ser adotivos. A ordem relacional doméstica manifesta-se como afetividade e sensibilidade. Tudo o que aí acontece não pode ter outro interesse senão o bem-estar e a felicidade de todos. As dificuldades, os atritos, as divergências encontram, na sensibilidade, a solução correta. É importante lembrar que os laços da sensibilidade amorosa são os que alcançam o grau mais elevado de perfeição humana. Desde os gregos ouve-se dizer que o amor (Eros) é responsável pela união perfeita entre os homens.

Não importa, aqui, lembrar toda uma literatura que declara o amor como a forma mais perfeita, e para Maturana a única verdadeira, de socialidade. O que não se pode esquecer que a família que não é alimentada pelo amor necessita de cuidado, um cuidado que, no fundo, só pode dizer aos membros da família que eles precisam reencontrar-se. Não só o remédio está com eles, mas também o laboratório e o laboratorista. A família é como um organismo vivo, ela é uma auto-organização. E, no dizer de Maturana, um sistema auto-organizacional é aquele cujo operar somente faz sentido em relação a si mesmos, nele está o dinamismo de crescimento e de restauração. (De Máquinas e Seres Vivos p. 14)

A família, portanto, é o lugar da plenitude da vida humana. Ali vivemos por inteiro. A vida humana é sempre a fusão do biológico e do afetivo, ou seja, há uma reversibilidade entre eles, o biológico é afetivo e o afetivo é biológico. As ciências separaram essa manifestação complexa com a intenção de simplificar, porque, para elas, a simplificação é o caminho da compreensão. E, hoje se sabe, não o é. Está mais para a falsificação do que para a compreensão.

Não se pode esquecer as dimensões da família, em qualquer circunstância, à luz da domus latina. A família engloba o conjunto de seus contornos. Hoje, com o enclausuramento nos apartamentos, no caso dos mais abastados, precisamos olhar para a higiene, para a alimentação, para os hábitos, para a poluição, para o

sedentarismo, etc. No caso das favelas, a situação da *domus latina*, é muito mais complexa. O cuidado à família requer a contribuição de outras esferas do saber e de profissionais como sanitaristas, nutricionistas, urbanistas, etc. As relações interpessoais e o meio ambiente fazem parte da instituição e das pessoas, são inseparáveis.

A instituição hospitalar nasce com outro fundamento e com outros objetivos. Quem cria a sociedade é o Estado, supostamente, em nome de maior eficiência, creditada às especialidades e aos recursos científicos e técnicos. Foucault diria que os hospitais nasceram como forma de isolar os improdutivos da ordem social, e como forma de controle do poder público.

Vou limitar-me a apontar a dinâmica interna das instituições hospitalares. Evidentemente, o que funda a ordem hospitalar é o conhecimento científico e os instrumentos técnicos. Assim, o princípio central que rege a vida hospitalar é a racionalidade científico-tecnológica e a racionalidade da eficiência profissional. O hospital é caracterizado como um centro de excelência em conhecimentos e em tecnologias. Os profissionais da saúde são identificados como dominadores de conhecimentos especializados e como possuidores de tecnologias de alta funcionalidade. Laboratórios de tecnologia de ponta, aparelhos de última geração, medicamentos resultantes de recentes experimentos credenciam um hospital como o mais apto a cuidar dos doentes. As UTIs e as CTIs tornaram-se a última batalha entre a vida e a morte, por isso, aí impera a mais refinada racionalidade científica e tecnológica. Paredes de vidro isolam os visitantes, vestimentas a prova de ataques de contágios garantem a imunidade, instrumentos monitorados a distância garantem o contato invisível com o paciente. Tudo se transforma num cenário de ordem mecânica, nenhuma lágrima, nenhum sorriso, nem gesto de carinho, nenhuma palavra de afeto; tudo é gesto milimetrado e controlado na frieza de quem executa operações quase sobrenaturais.

Desculpem, mas agora vou exagerar. Os internados no hospital e os agentes da saúde são humanos comandados e crentes nos poderes e na eficiência das máquinas. A vida foi reduzida a uma ação mecânica. Todos esqueceram a sua humanidade. Permitam-me fazer uma comparação, inspirada no momento que vivemos, o mesmo acontece nas Olimpíadas, os atletas transformaram-se em máquinas de correr, de nadar, de saltar, de bater, de remar; os narradores usam um discurso mecanicista e guerreiro; os espectadores aplaudem números, medidas, tempos, distâncias, alturas. Todos parecem esquecer que são humanos.

Em segundo lugar quero referir-me à formação dos agentes de saúde, isto é os cuidadores ou cuidantes, a quem está afeto a atividade de cuidar. Não vou dizer novidades. A educação moderna, desde que dominou a escola, reduziu a ação pedagógica ao ensino/aprendizagem. O que interessa é a transmitir conteúdos intelectivos com base nos conhecimentos científicos. Um profissional competente é definido pelo seus conhecimentos e pelas suas habilidades técnicas. O que importa é possuir conhecimentos e saber aplicá-los na prática.

Para completar e enriquecer a minha reflexão vou valer-me de três pesquisas desenvolvidas em programas de mestrado e doutorado na área da enfermagem. A primeira destas pesquisas trata diretamente da questão da formação do profissional da enfermagem. O título é *O Espaço da sensibilidade na Formação do Enfermeiro da enfermeira mestre Marlene Gomes Terra*. Nela é feita a análise do currículo e uma

série de entrevistas com os alunos do curso. A conclusão mostra uma unanimidade sobre o predomínio científico e tecnológico da formação acadêmica, e a ausência de atividades docentes que tratem da questão da sensibilidade e do emocional. A segunda, intitulada Processo de cuidar: Uma aproximação à questão existencial da enfermagem, da enfermeira Dra. Maria Da Graça Crossetti. A autora diz: "A mecanização do homem conduz a uma abordagem técnica da saúde, na qual, a doença é reduzida a uma avaria mecânica e a terapia a uma manipulação técnica". Como alternativa ao tecno-científico ela busca em Heidegger uma alternativa que aproxime existencialmente, isto é, afetivamente as pessoas. Por fim, a terceira pesquisa, da enfermeira Dra. Maria da Graça Corso da Motta, tem como tema **O ser doente no tríplice mundo da criança, família e hospital**, com o expressivo subtítulo, Uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais. Sim, não são mudanças científicas ou técnicas, mas mudanças existenciais, aquelas que dizem respeito ao modo de viver e de se relacionar das três categorias de pessoas, doentes, familiares e agentes de saúde, envolvidas pelo surgimento da doença. Parece claro que a formação acadêmica dos profissionais da saúde e, por que não dizer, de todos os profissionais, é marcada pela predominância dos conteúdos tecno-científicos. Esta formação está perfeitamente de acordo com as instituições hospitalares existentes. Tal fato, a meu ver, deve criar momentos de ansiedade para aquelas enfermeiras que queiram trabalhar com a família, uma instituição, cujo fundamento é diverso, do da instituição hospitalar, como tentei mostrar acima. A família é a instituição que surge e se mantém na fertilidade da mais alta expressão da sensibilidade, o amor. O cuidado à família, sem desprezar os recursos das ciências e das tecnologias, somente poderá ser pensando à luz dos princípios da vida familiar, isto é, a sensibilidade e o amor. A esse respeito Maturana vai mais longe e de forma radical: "A emoção que funda o social como a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor. Relações humanas que não estão fundadas no amor - eu digo - não são relações sociais". (Maturana - Emoções e Linguagem na Educação e na Política p. 26).

Isso constatado e aceito conclui que é preciso buscar outras formas de relacionamento, no cuidado à família, mas é dizer o óbvio. Eu diria que essa minha descrição tem como objetivo construir o mirante de um novo olhar para todos aqueles que tem a ousadia de ver com seus próprios olhos. E, depois de ver com os próprios olhos, ter a coragem de criar com liberdade um cuidado à família pelo qual eles mesmos passam a integrar a família. O sinal indiscutível que seu cuidado está no caminho correto.

Conclusão

A minha exposição percorreu um caminho não tanto animador porque seguiu os traços dos dilemas, dificuldades, impasses, obstáculos. O programa, no seu geral, oferece temas muito mais animadores como a) O processo criativo e o lúdico na arte de cuidar; b) pesquisando a família; c) Relatos de experiência com famílias; d) A família e seu cotidiano; e) Vivências e convivências de familiares de crianças soropositivas; f) Famílias de crianças e adolescentes: lidando com momentos de crise. São estudos e

trabalhos feitos que servem de exemplo, e o exemplo é estimulante. Seus autores mostram que é possível fazer.

Permitam-me, para concluir, valer-me de um tema, parte do programa, que mostra uma das situações mais triste da família e da sociedade contemporâneas, Família e Violência. Olhando a natureza observamos que há muitos momentos de violência causando catástrofes, pelo menos, sob a ótica dos homens. Penso no vento. Como o vento, em forma de aragem, é poético, é agradável, é refrescante. As águas do mar devem aos ventos sua salubridade. Se não houvesse vento que movimentasse as águas do mar, elas estagnariam, nelas não haveria peixes. Mas uma tempestade pode afundar os barcos dos pescadores.

A vida humana, também, necessita de movimentos. Os movimentos limitados à ordem da vida biológica não são suficientes, eles precisam se transformar em movimentos de emoção, de sensibilidade, de amor, de racionalidade. Mas esses movimentos podem alcançar intensidades perigosas, ameaçadoras e, até, mortais. A quem cabe controlar? Ao próprio homem, certamente. E neste momento a humanidade ocidental, parece ter escolhido o árbitro errado. Ouso dizer que o mal da humanidade foi confiar à razão a capacidade de estabelecer o equilíbrio. A experiência nos mostra que ela não é capaz de exercer essa função. Há os que afirmam que ela promove mais guerras do que paz.

Parece que, na vida cotidiana, a única capaz de estabelecer harmonia é a sensibilidade. É a sensibilidade do ouvido que faz perceber as harmonias e as desarmonias de uma melodia. É a sensibilidade que avisa quando há excesso, seja emocional, seja racional. A sensibilidade anda junto com a intuição. Duas capacidades que a racionalidade filosófica e científica desprezou. O artista percebe intuitivamente a harmonia de sua obra de arte; o músico sente a harmonia de sua canção; o amante vive a harmonia de suas convivências.

Para reforçar o que acabo de dizer busco nas palavras de um cientista biólogo, já que o mundo acadêmico deposita neles maior confiança, ele se chama Humberto Maturana Romesín, e diz: "Temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia em nossos empreendimentos e em nossas relações com outros seres humanos e com a natureza toda, e temos nos equivocado. Amor e conhecimento não são alternativas; o amor é um fundamento, enquanto o conhecimento é um instrumento. Além disso, o amor é o fundamento do viver humano, não como uma virtude, mas como a emoção que no geral funda o social. ... E ao negá-lo, na tentativa de dar um fundamento racional a todas as nossas relações e ações, nos desumanizamos, tornando-nos cegos a nós mesmos e aos outros". (De Máquinas e Seres Vivos p. 33)

Prof. Silvino Santin
Santa Maria, 26 de setembro de 2000.